

Das nuvens e dos relógios: uma reflexão pessoal acerca do método psicanalítico

Anne Lise Di Moisès Silveira Scappaticci,¹ São Paulo

Resumo: Este trabalho é uma reflexão a respeito do método do psicanalista. A autora enfatiza a disciplina de trilhar o caminho do conhecimento sem perder de vista o desconhecido, mantendo, assim, uma *atitude ética* diante do sentido inapreensível de nossa existência. O modelo de Popper é trazido como analogia para ilustrar o método do psicanalista pautado na interação dinâmica entre os dois níveis: (i) acesso pelo conhecimento, representação, e (ii) acesso pela *expressão*, pela vivência da experiência emocional, Sendo.

Palavras-chave: método, conhecimento, representação, expressão, experiência emocional

The way I do psychoanalysis is of no importance to anybody excepting myself, but it may give *you* some idea of *how you do analysis*, and that is important.
(Bion, 1976/1987b, p. 224)

Se o método científico que adotamos como psicanalistas não é o método positivista clássico, com o que trabalhamos? Quais seriam as nossas *Evidências*?

Procurei, neste trabalho, alinhar algumas ideias acerca desta questão, mais propriamente, introduzir uma *reflexão pessoal* acerca dos elementos que compõem o *estilo do analista*. São questionamentos permanentes derivados da clínica do cotidiano e das teorias à mesma subjacentes e, assim, também, como não poderia deixar de ser, a respeito da influência da personalidade do analista em seu *estilo* de trabalho. Manter a dúvida é, a meu ver, o método do psicanalista, a sua autodisciplina. A oportunidade de auto-observação e de aprendizado da relação teórico/clínica, analista/analizando, sujeito/objeto é o lugar do conhecimento, ou seja, são dimensões inseparáveis que podem ou não ser percebidas e estudadas. Em psicanálise, assim como em outras ciências, o conhecimento e o conhecedor estão autoengendrados e, portanto, sempre em construção, em busca da descoberta. O conhecer é uma *relação* contínua.

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP. Doutora em Saúde Mental UNIFESP-EPM, psicóloga clínica pela Università degli Studi La Sapienza di Roma, psicanalista Infantil Tavistock e psicoterapeuta familiar pela Scuola Romana di Psicoterapia Familiare.

Karl Popper, em *About Clouds and Clocks*, uma conferência no ano de 1965 em homenagem a Arthur Holly Compton, pretendeu oferecer uma metáfora na tentativa de solucionar o eterno dilema a respeito da apreensão do conhecimento pelo par aleatório e/ou determinismo, ou ainda, na terminologia kantiana, da *razão pura/razão prática*. A questão focalizada na época e que ainda nos interessa acerca da natureza do fenômeno mental é: se determinados fenômenos da nossa vida quotidiana podem ser explicados e conhecidos, por ideias, regras ou critérios, como, por exemplo, de causalidade – recurso necessário, entretanto, para organizar e publicar nossos pensamentos –, o mesmo parece não ocorrer na observação de estados mentais, sentimentos, vontades, decisões. Estes últimos, aliás, aproximam-se mais aos conceitos físicos elementares empregados na física atômica do que aos da mecânica clássica. Penso que a analogia de Popper corresponda ao problema enfrentado pelo psicanalista e sirva para nós como ilustração/modelo de como trabalhamos: ora com o que conseguimos *representar*, simbolizar e conhecer; ora com uma *expressão* possível daquilo que é inacessível, irrepresentável; segundo o paradigma bioniano, Transformações em Conhecimento (K) e Transformações em Ser (O). Ambas as dimensões estão numa interação dinâmica e são necessárias para o trabalho do analista por constituírem seu método de aproximação à verdade. E “verdade” em psicanálise é a capacidade de atribuir significado pessoal à experiência emocional, algo inefável. Assim, nesses momentos únicos numa análise, ou em nossas vidas, nos quais um novo conhecimento se encaminha, sentimos uma aproximação a uma dimensão mais abstrata, campo das ideias, a uma dimensão afetiva, dos sentimentos e dos sentidos. Uma ideia nos parece mais verdadeira quando acompanhada por sentimentos; é pela emoção que busco nomear o que sinto: Vivo!

Desenvolvo a seguir algumas reflexões que surgiram a partir de uma leitura pessoal e não necessariamente da proposta realizada pelo autor naquele momento histórico da psicanálise. Esta é uma leitura “entre//linhas”. É a revisão dentro do contexto da psicanálise atual e pessoal a uma distância de mais de cem anos. Realizo este esforço para iluminar o percurso a respeito do método e do estilo do analista que pretendo aqui percorrer e ilustrar. Nele, evidencio meu próprio método e/ou estilo.

I. Pano de fundo

Saxa loquuntur.
As pedras falam...
(Freud, 1896/1996e, p. 218)

Grandes pensadores – compositores – como Freud, Melanie Klein, Winnicott, Green, Ogden, Bion, entre outros, nos ofereceram a extraordinária oportunidade de “*vê-los*” enquanto trabalhavam. Expuseram a si mesmos, seu

sofrimento, na descoberta do estilo próprio de cada um. Freud, por exemplo, muitas vezes, pôs em discussão seus próprios princípios, empenhando-se em discutir seus preceitos de um novo vértice. No constante recomeço, nas narrativas-sonhos com seus pacientes, o interesse pelo conteúdo foi dando espaço a comunicação estética, a escuta da verdade poética do inconsciente: *Saxa loquuntur*, a verdade se impõe, fala por si... Com o passar dos anos, a neutralidade do analista deu espaço aos recursos próprios de sua personalidade e, assim, uma maior relevância foi sendo atribuída à experiência emocional do encontro, de cada sessão particular. Acompanhando este movimento, o texto psicanalítico emerge revelando seu Objeto, “despertando no leitor aquilo que o escritor tinha em mente”. O autor utiliza como método a dúvida sistemática e, para tanto, a própria experiência escrita como veículo de expressão da vida psíquica: autopoiese. Poesia, a escrita-testemunha, tem êxito ao manter uma certa ambiguidade (Civitarese, 2007), elemento próprio do contexto onírico. São textos inimitáveis, ideias sensíveis, do analista investigando e se autoinvestigando, oscilando dos preceitos mais gerais ao mais particular, e vice-versa, incansavelmente.

Pela escuta do não audível. A atenção flutuante...

Em 1912, no texto “Recomendação aos médicos que exercem a psicanálise”, Freud introduziu a noção de uma escuta que não privilegia um conteúdo específico: é a busca pela “escuta” da comunicação inconsciente pela atenção flutuante. Diz ele sobre isso:

Consiste em simplesmente não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma “atenção uniformemente suspensa” em face de tudo que se escuta ... Ver-se-á que a regra de prestar igual reparo a tudo constitui a contrapartida necessária da exigência feita ao paciente, de que comunique tudo o que lhe ocorra, sem crítica ou seleção. (Freud, 1912/1996f, p. 125)

Nos primeiros momentos da cena de abertura de Hamlet,
Escuta-se um som vindo da escuridão fora dos muros do palácio.
O guarda indaga, “Quem está aí?”
Como um acorde dissonante inicial de uma obra musical, a pergunta,
“Quem está aí?” reverbera sem solução através de toda obra.
(Shakespeare, 1600-1601, p. 19)

Onde a identidade se apoia? Freud realizou um notável esforço para fundamentar suas descobertas no contexto científico de sua época, entretanto, concomitantemente, esteve sempre presente no texto freudiano aquilo que não é para ser interpretado. O desconhecido, não acessível pelo conhecimento, o

irrepresentável, O Estranho, pode ser aproximado pela atenção flutuante do analista, por meio da poesia, da estética:

existe um lugar em todo o sonho no qual ele é insondável. Um umbigo por assim dizer que é seu contato com o desconhecido... Lugar em que esta malha é particularmente fechada que o desejo onírico se desenvolve como um micélio. O obscuro do sonho a ser deixado sem interpretação (Freud, 1900/1996e, p. 557).

Interpretar o sonho não é mais proposta de entendimento. O inconsciente, focalizado em seu atributo de “infinitude”, é a verdadeira realidade psíquica. Assim, é preciso não se apoiar apenas em conteúdos passíveis de serem conhecidos, e, sim, em *transformações* da realidade psíquica. Essa concepção coloca a psicanálise como ciência em evolução cujo campo está sempre em expansão, por exemplo, na ideia de que é pelo inconsciente que surge o sentido do sonho, e não o contrário. Somos movidos pelo mistério e precisamos encontrar “psicoalojamento” para essa condição de imprecisão, algo passageiro às infinitas possibilidades de nosso inconsciente. Essa dimensão do irrepresentável ganha maior expansão na Segunda Tópica, embora numa leitura mais atenta percebamos que ela tem estado presente mesmo não sendo focalizada diretamente numa primeira leitura.

Freud assevera:

Assim como nossa construção só é eficaz por recuperar um fragmento perdido de experiência, também a ilusão do paciente deve seu poder convincente ao elemento de verdade histórica que o insere em lugar da coisa rejeitada. (Freud, 1937/1996b, p. 268)

Pela personalidade, urgência de si mesmo

Citando os dotes pessoais de Charcot, Freud comenta o *relacionamento* entre a *personalidade* e a *metodologia* de trabalho de seu professor:

Não era um homem excessivamente reflexivo, um pensador; tinha, antes, a natureza de um artista – era, como ele mesmo dizia, um “visuel”, um homem que vê. Eis o que nos falou sobre seu método de trabalho. Costumava olhar repetidamente as coisas que não compreendia, para aprofundar sua impressão delas dia a dia, até que subitamente a compreensão raiava nele. Em sua visão mental, o aparente caos apresentado pela repetição contínua dos mesmos sintomas cedia então à ordem: os novos casos nosológicos emergiam, caracterizados pela combinação constante de certos grupos de sintomas. (Freud, 1893-1895/1996d, p. 22)

Então, acrescenta:

Eu aprendi a colocar rédeas nas minhas tendências especulativas e a seguir o conselho de meu mestre Charcot, ou seja, observar as mesmas coisas uma vez mais, e outra vez ainda, até que elas mesmas começassem a falar. (Freud, 1893/1996c, p. 22)

Outro aspecto essencial aos autores da psicanálise é focalizar o interesse na vida mental, algo imaterial, que não se presta exclusivamente a dados anamnésicos tão valorizados pelos médicos, ou fatos externos à personalidade. No sétimo capítulo de “A interpretação dos sonhos”, Freud atribui à Consciência a função de “órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas”. No artigo “Dois princípios do funcionamento mental” de 1911, o autor vincula “à Consciência as impressões sensoriais”, enfatizando a maneira única, absolutamente pessoal, com a qual cada um percebe a realidade:

uma função especial se instituiu para, periodicamente, pesquisar o mundo exterior, de modo que suas características já fossem conhecidas, ao surgir uma necessidade interior premente. Esta era a função da atenção. Sua atividade *vai ao encontro* das impressões sensoriais, *em vez de esperar que se manifestem*. (1911/1996f, p. 15, itálicos meus)

O conhecimento é, portanto, uma *urgência* do próprio sujeito que o leva a estabelecer um relacionamento entre fenômenos anteriormente dissociados: a necessidade de atribuir significado é “psico-lógica”. Assim, não é possível distinguir com clareza a fronteira exata entre mundo externo e mundo interno; eles são interdependentes. Em outras palavras, alguma coisa só pode ser vislumbrada a partir de um determinado lugar (Heisenberg) e, portanto, cabe explicitar o vértice da observação: a apreensão da realidade se dá no espaço indeterminado da praia psíquica no qual as ondas do mar terminam na areia, no contínuo vaivém.

Cesura

Em “Inibições, sintomas e angústia”, Freud põe em questão o conceito de *Cesura* como ruptura, o passado é *presente*, não pode ser esquecido, a vida mental é um campo de tensão intrapsíquica, *Cesura*: “Há muito mais continuidades entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento nos permite acreditar” (1926/1996g, p. 286).

Essa concepção de uma mente multidimensional, como num palimpsesto, será aprofundada posteriormente por Bion, ao introduzir a ideia de vetor finito//infinito. A *Cesura* é a expressão desse vetor e, assim, a atividade do analista se faz na tensão da oscilação contínua, como na manutenção de uma gangorra, entre a maneira pela qual algo é representado, conhecido, e a possível aproximação sem memória e sem desejo de entendimento ao que acontece num nível indiferenciado, da não representação. A realidade psíquica ganha expressão:

“o conceito de cesura indica que o psicanalista, na sala de análise, está em um estado transiente de tornar-se analista” (Trachtenberg, 2013, p. 63).

Pela fantasia inconsciente... “Os sintomas histéricos não estão ligados a recordações reais, mas a fantasias erigidas sobre a base de recordações” (Freud, 1900/1996h, p. 491).

A vida fantástica, algo inexplicável, inefável, vai ganhando o campo da investigação *psicanalítica*. Freud abandona o rememorar das cenas concretas de sedução para investigar a satisfação do desejo inaceitável e reprimido (1911), para, finalmente, abordar fantasias primárias que nunca foram conscientes:

Impressionam-me por serem, por assim dizer, mais fluentes, mais ligadas e ao mesmo tempo mais fugazes que outras partes do mesmo sonho. Estas, eu sei, são as *fantasias inconscientes* que encontram seu caminho na tessitura do sonho e que jamais consegui fixar uma fantasia desta natureza. (Freud, 1900/1996e, p. 493)

A ênfase é cada vez menos concreta ou naquilo que já foi consciente e que se encontra reprimido. A fantasia/fantasiar como expressão daquilo que não pode ser mensurado, apalpado, visto, o inextenso; a mente “passeia” em busca de nutrimento, de si mesma: “atividade que começa no brincar das crianças e, mais tarde, conservada como devaneio, abandona a dependência de objetos reais” (Freud, 1911/1996f, p. 222).

Dentro do pressuposto de que a apreensão da realidade se dá pela visão de mundo de cada um, Melanie Klein e seus seguidores expandem a ideia de fantasia inconsciente postulada por Freud. A fantasia, emoção fundante do psiquismo permeando todo o mundo mental de relações objetais, desde o princípio. No artigo bastante conhecido “A natureza e a função da fantasia”, de 1943, Susan Isaacs parte do pressuposto de que a expressão mental do instinto é a fantasia inconsciente; “a fantasia é o corolário mental, o representante psíquico do instinto” (Isaacs, 1943/1991, p. 96). Nos estágios mais primitivos, o Ego já experiencia ansiedade cuja natureza é persecutória pelo medo de aniquilamento. A fantasia é primeiramente física, a introjeção é a incorporação de um objeto que satisfaz a necessidade, e a fome é sentida como perseguição. *Experiências físicas são interpretadas como relações objetais em fantasia dando-lhes significado emocional*. A busca pelo conhecimento, sua metodologia, inclui necessariamente o “phantasiar”, atributo substantivo/verbo (Isaacs, 1943/1991; 1952) inerente à singularidade de cada um, sua atividade e suas fantasias primordiais, em contínua interação com seu meio, intrapsíquico e interpessoal. Em certo sentido, a fantasia mais poderosa e necessária desde o início da vida mental é a identificação projetiva própria da posição esquizoparanoide. Nela, como sabemos, de maneira indiscriminada sujeito-objeto, a vivência, fantasia onipotente, é de liberação de um conteúdo próprio, muito penoso, cindido e expulso (projetado) no interior de outro continente, para fora de si mesmo. Melanie

Klein relaciona este mecanismo tão primitivo e necessário à sobrevivência mental ao instinto epistemofílico, método com o qual o bebê “coloca sua sonda”, investiga e conhece a si mesmo diante da presença de outro, numa relação, uma experiência primordial. Descreve minuciosamente as ansiedades e correspondentes mecanismos de defesa e as várias maneiras possíveis de exploração no impulso relativo a novos alvos ou relações. Dessa maneira, “toda experiência externa está entrelaçada com suas fantasias, e, por outro lado, toda a fantasia contém elementos da experiência real” (Klein, 1952, p. 77). Cabe ao analista a observação do método absolutamente pessoal: pela intrusividade, em sua concretude, por meio da fantasia de se apoderar de conteúdos do corpo da mãe, usurpando e saqueando, possuindo ou suportando a dor, ou pelo manejo ético que Melanie Klein denominou *reparação*. A fronteira da atividade de fantasiar entre alucinação (Bion, 1965/1973) e/ou maneira de sonhar e pensar a realidade vai se tornando turva e se expande na concepção de função alfa, *rêverie*, trabalho onírico alfa e nas “conjecturas imaginativas”.

Observar à distância

Atribuo um grande avanço inerente a observação sobre este vértice: a atividade mental é investida do fantasiar, algo sempre presente, inerente ao pensar. Atentar para esse fenômeno oferece maior liberdade e esperança para o trabalho do analista estimulado a observar a *distância* entre o *fenômeno*, como ele pode ser percebido, observado, transmitido e recebido, e o “acontecimento em si”, a coisa-em-si, *noumeno*:

na verdade, é impossível encontrar acesso às emoções [fac-símiles de Freud] e relações de objeto mais antigas, a menos que se examinem suas vicissitudes à luz de desenvolvimentos posteriores... Refiro-me às *diferenças*, em contraste com as semelhanças, entre transferência e as primeiras relações de objeto. (Klein, 1952, p. 79, itálico meu)

Melanie Klein postulou uma íntima relação entre as duas posições, esquizoparanoide e depressiva, advertindo sua presença simultânea. Associa ao nascimento do pensamento simbólico a posição depressiva, o que supõe a capacidade de utilizar o outro como continente de maneira construtiva. A tolerância interna a um objeto total parece ser intrínseca, de valor ético, à reparação, e daí a ênfase em alcançar a posição depressiva.

A obra de Bion é em grande medida uma reflexão a respeito de Freud e, sobretudo de Melanie Klein, para desenvolver um método próprio. “Lembro-me de meus pais em cima de uma escada em forma de Y e eu estava lá...” (Bion, 1976/1987b).

No início de “Evidência”, um de seus artigos sobre a técnica, o Édipo é apresentado nessa metáfora como elemento central da psicanálise, *Why shapped*

stare, um olhar em forma de porquê. *O Édipo posto como busca incessante pela verdade, por si mesmo, método peculiar de cada um, de cada analista*: epistemologia pessoal. O filho fixa seu olhar de baixo para cima revisitando o funcionamento mental de seus pais, seus objetos internos, Freud, Melanie Klein, Trotter, Charcot.

Bion comenta a influência de seu professor Wilfred Trotter em *All my sins remembered* (Bion, 1985) e essa mesma citação está no comentário de Nuno Torres ao discutir o instinto gregário na obra de Wilfred Bion e Wilfred Trotter (Torres e Hinshelwood, 2013). A questão da elaboração do Édipo pelo próprio analista, sua análise pessoal, para poder ouvir o grupo (intrap síquico e interpessoal) como recurso próprio e íntimo. Aqui poderíamos pensar na disponibilidade para permanecer na cesura, na transiência do pré-humano ao humano como algo que expande o continente do analista, sua intuição.

Trotter, por outro lado, ouviu com natural interesse, como se as contribuições do paciente *fluíssem* da própria *fonte* do conhecimento. Foram necessários anos de experiência até que eu aprendesse que isso era de fato essencial. Quando um paciente coopera a ponto de se apresentar para exame, ao médico cuja ajuda é solicitada é dada a chance de ver e ouvir por si próprio a origem da dor. Nem é necessário perguntar “Onde dói?” – embora seja claramente um conforto ter essa pergunta respondida em uma linguagem que ele entenda. A raiva que é tão facilmente despertada é a reação daquele que ajuda diante da percepção de que ele não entende a língua, ou de que a língua que ele entende não é a que é relevante, ou está sendo usada de uma maneira que não lhe é familiar... (Torres e Hinshelwood, 2013 p. 5).

Ainda em *Evidência*, assim como em outros artigos (1976, 1977, 1997), diria em toda a sua obra, a *Cesura* é uma ideia levada às últimas consequências: “Transcender as cesuras das oposições binárias que organizam o campo teórico e técnico da psicanálise pode ser indicado como o seu princípio do método mais geral” (Civitarese, 2014). O “entre” é habitar na própria mente, na tensão intrap síquica que *não* é para ser resolvida. Cabe, portanto, investigar a cesura, “a (contra/trans)-ferência, humor transitivo-intransitivo” (Bion, 1977/1987a). Focalizar a eterna oscilação no contínuo entre perceber/dar-se conta/*be aware*, e/ou evadir/esvair-se de um mundo interno, próprio, intrap síquico. Tolerar a angústia e a frustração pela ausência de um objeto que supra materialmente com certezas, para poder sentir e, assim, pensar. Dentro desse paradigma, a ênfase recai sobre o registro da vida primordial, anterior à palavra, e por isso inapreensível pela representação ou simbolização. O mesmo ocorre com a *Consciência*, “um órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas” (Freud, 1900/1996h), a função da atenção (Freud, 1911/1996f), que passou a

chamar de fator alfa (Bion, 2000) ou, ainda, em relação à *identificação projetiva*, tomada em sua concretude, ambas inseridas no campo de pulsão epistemofílica (Melanie Klein), pulsão pela verdade (Bion).

Bion² buscou explorar níveis mais elementares da personalidade, traçar uma dimensão na qual cisão, projeção e “re-união” apresentam-se como constituintes inatos do ritmo de si mesmo. Dessa observação decorre um novo estatuto de tolerância e de criatividade à posição esquizoparanoide e aos elementos beta, estes últimos seriam como protocontinentes para os pensamentos não pensados: “Aprender com a experiência significa formar *carries* (continentes) sujeito-objeto específicos para veicular e metabolizar as impressões sensoriais primitivas e as proto-emoções” (Civitarese, 2007, p. 107).

O método de trabalho psicanalítico aborda a questão de como o conhecimento privado das impressões sensoriais, da identificação projetiva, dos elementos beta, dos objetos parciais, da maneira única com a qual a pessoa sente e percebe a realidade, tenha que ser traduzido em conhecimento público. *Descoberta da Epistemologia pessoal.*

O analista trabalharia como um construtor de sentido rudimentar. Em outro trabalho (2016) discuti a vivência de Desamparo e de intensa turbulência emocional diante de estados fragmentados, não integrados, algo mais próximo a si mesmo. Bion definiu esse estado como a base catastrófica da personalidade. A maneira singular com a qual a personalidade se relaciona e se sustenta a partir da própria oscilação PS/D. A vivência de catástrofe, na base da existência humana, necessita de narrativa até o final da vida. A psicanálise é uma atividade autobiográfica nos dois sentidos, para o analista e para o analisando (Scappaticci, 2015). A sessão é uma oportunidade de crescimento por meio do vínculo cuja finalidade é que a pessoa realize aquilo que urge nela.

A intenção é focalizar níveis mais primitivos da experiência nos quais a “escritura” do “pensamento” é a assinatura do Caos. As palavras apresentam-se fora de sua conotação simbólica: o mais próximo do signo, algo que não obedece a nenhuma das leis consagradas pela lógica comum. São como rabiscos incoerentes às leis da ortografia e da gramática. Esse funcionamento pode ser comparado ao método de evacuação de objetos internos – identificação projetiva. Os elementos beta são, portanto, mais próximos à coisa em si, à realidade “nua e crua”, “raspa de tacho” da alma. Na vivência da posição esquizoparanoide, elementos beta são como uma nuvem de incerteza, aglomerados, capazes de fragmentar e dissociar em busca de uma nova configuração (PS/D), de

2 Nas duas versões da Grade (1963, 1971) notamos o esforço e ousadia de Bion visando criar um modelo epistemológico de precisão científica para a psicanálise. Para tal finalidade, a segunda versão da Grade acaba por expandir a fileira C (mitos, sonhos e paixão) como uma espécie de ponto alto na comunicação, linguagem de alcance. Tal como uma larga circunferência, no argumento circular, essa comunicação teria como ingredientes a sofisticação e a eficácia, para depois poder retornar a um nível mais físico, de elementos beta, direcionados a níveis arcaicos da mente.

crescimento – se for possível tolerar a angústia, o terror, a turbulência. Assim, uma análise busca o “ponto de virada”, em que a sensação de catástrofe é uma invariante, o marco no qual nos originamos, nosso nascimento psíquico. Existência.

Pelo vínculo de Fé, o analista cria/descobre intervenções que outorgam sentido aos fragmentos de realidade psíquica incognoscível. Se o sentido que surge está enraizado na ausência de sentido (Fé) que supera o conhecimento (K), seu trabalho pode ter ressonâncias que se manifestam em pequenas diferenciações que vão se fazendo perceptíveis (Eigen, 1985).

O método é de ampliação do inconsciente como pré-concepção da personalidade para uma atribuição de sentido não apenas pelo Conhecimento, mas também pelo Ser.

Em seu diário pessoal, *Cogitations*, Bion está interessado no Método Científico, uma questão relativa não só à filosofia, mas também à psicanálise. Não é à toa que o título do livro nos remete ao *Cogito* de Descartes. A proposta é não realizar um esforço extenuante para resolver a velha celeuma entre cientistas e filósofos, entre deterministas, movidos pelo racionalismo de Descartes, uma ordem pré-estabelecida, e aqueles que optam pelo acaso, os empiristas. Lendo esse “caderno de anotações”, nos damos conta de que a discussão teórica sobre o método (1), o método do analista, sua própria demanda interna e pública (2), e o método do analisando, em fazer frente a si mesmo (3), estão inevitavelmente imbricados.

Reiteradas vezes, em seus livros, Bion refere-se a Henri Poincaré, em *Science and Method*:

para que um resultado novo tenha valor, ele precisa reunir elementos conhecidos há longa data, mas que estão dispersos e aparentemente estranhos uns aos outros, introduzindo ordem, repentinamente, onde reinava a aparência de desordem. Então esse resultado nos capacita a ver, em um relance, a localização de cada um desses elementos no todo. O novo fato não é apenas valioso em si, mas também é valioso por conferir, sozinho, um valor aos velhos fatos que une. Nossa mente é frágil, assim como nossos sentidos; ela se perderia na complexidade do mundo se tal complexidade não fosse harmoniosa; como míope, ela enxergaria apenas os detalhes, e seria obrigada a esquecer cada um deles, antes de examinar o seguinte; pela sua incapacidade de assimilar o todo. (Bion, 2000, p. 16)

O uso de termos como *fato selecionado* (Poincaré) e *conjunção constante* (David Hume) pressupõe a noção de uma operação que se dá na mente do analista e numa metodologia empírica no sentido do cuidado para não atribuir precocemente significado em detrimento da vivência da experiência.

Retornando às questões da física, encontro uma semelhança:

os *quantuns* de luz não podem ser considerados como partículas, com uma trajetória definida pela mecânica clássica, sendo impossível determinar a trajetória dos *quanta* individuais de luz sem perturbar essencialmente o fenômeno em processo de investigação. Em decorrência desse fato, teve-se que abandonar a explicação causal completa dos fenômenos luminosos e se aceitar um comportamento estatístico, explicitado por leis probabilísticas. (Ara, 2006, p. 3)

Os elétrons livres que constituem uma “nuvem atômica” num movimento desordenado nos remetem a nossa vida mental sempre presente, em seus primórdios... Turbulência!

II. O caso clínico³

Ana é uma moça que está em análise comigo há mais de dez anos. Atualmente vem três vezes por semana, mas por um bom período fez quatro vezes.

Quando começou sua análise me contou que esteve em uma cidadezinha X na Itália fazendo um curso de italiano. Sua família materna é de lá. Fiquei impactada porque por alguns anos de minha vida morei em Roma e frequentei a trabalho os mesmos lugares. A cidadezinha X reconstruída em pleno fascismo. Suas casas cinzas, frias e quadradas. Ela me contava a respeito da culinária de sua avó e evocava aqueles “sabores” em mim. Criou-se uma vivência paradoxal: paisagens tão comuns a nós duas, algo singular de duas brasileiras-italianas, enquanto a experiência emocional dos primeiros anos de análise passava, às vezes, fora do senso comum. Ana chegava muito atrasada, falava coisas incompreensíveis, ou permanecia em silêncio, ou, ainda, quando se “articulava” esbravejava contra alguma injustiça. Foi necessário muito tempo para poder criar uma conversa comum e isso às vezes ainda é muito difícil de alcançar.

Tive a impressão de me relacionar com uma garota de rua, com um funcionamento de mente grupal ou tribal, pelas expressões estereotipadas que Ana repetia e pelo seu estar à vontade com famílias e em grupos fora de sua casa. Na época eu entrevistava jovens mães adolescentes de rua para o meu doutorado, e o clima de *gang*, até mesmo numa batida de *rap* que ela me mostrou, parecia estar presente quando ela tentava estabelecer alguma conversa. Batimentos de um coração que começava a palpitar? Vida?!

Ana morava com sua avó materna, que faleceu poucos anos depois, seu pai, aposentado por sofrer de severa depressão, e sua irmã, um pouco mais velha do que ela. Sua mãe trabalhava e estava sempre viajando – parecia não suportar permanecer em casa com sua família. Assim, Ana convivia muito com

3 Caso clínico apresentado na Jornada de Bion (2014) e em Seminário Clínico em Reunião Científica da SBPSP, coordenado pelo dr. Giuseppe Civitarese (agosto/2015).

seu pai e sua avó. Seu pai parecia muito afetivo, mas suas crises de depressão eram frequentes. Passava o dia no bar e trazia os “amigos” recém-conhecidos do bar para casa, expondo seus filhos. Ele dormia num colchonete “espalhado” no chão da sala. Tal precariedade deixava Ana furiosa e indignada. O desejo de ver-se liberta de tanto desamparo provocava fantasias de evasão de si-mesma, de sua realidade, um distanciamento de seu pai, suas aulas na faculdade, e assim por diante. Depois de alguns anos, seu pai, num impulso, se suicidou. Ela chegou ao consultório com um álbum de fotografias confeccionado por ele, e juntas olhamos as fotos enquanto ela fala de sua família. Comecei a sentir, a partir daquele momento, o nascimento de um sentido de pertencimento. Ana se formou numa boa faculdade e conseguiu ótimos empregos. É exótica, muito bonita, teve vários namoros. Atualmente está namorando.

A sessão

Ana

Chega alguns minutos atrasada e permanece em silêncio. Fala algo incompreensível, logo muda o curso das palavras bem no meio da frase.

“Coragem...” digo, tentando permanecer em contato.

Comenta que, se escolhe um assunto, perde todos os outros; *como se* eles deixassem de existir na sua mente.

“Mas agora você falou alguma coisa que é possível entender, acompanhar, embora seja patente a sua dor...”, comento.

Retoma um discurso desconectado. Nas mutilações de forma e de efeito, gagueja, suas sentenças não fazem sentido; talvez, penso, “não fazer sentido” seja o ponto.

Falo dessa minha impressão na busca de uma brecha, de uma palavra, ou ainda, de alguns minutos de simples conversa.

A coisa parece estar ficando ainda mais complicada, penso. Qual seria o assunto? Assunto?

Afirma um “é”, gira-se para trás e aí parece me agarrar com seus olhos, para não enlouquecer? Tábua salva-vidas? Ela parecia aguardar. A minha reação?

Nesse momento busco por mim. Penso. O que tenho a dizer sobre uma situação que não entendo “patavina”? É. É esta mesma a palavra que me ocorre: “pa-ta-vi-na”. De onde ela vem? De minha infância? De um povo romano, tenho a impressão, que não falava o latim, mas que se impunha na conversa com uma língua nova.

Então tento: “Talvez você queira me mostrar todo o teu desamparo e o teu receio de enlouquecer. Talvez tenhamos que criar aqui um dialeto nosso... Com uma métrica diferente daquela que a gente usa para conversar com os outros lá fora”.

“Lembra quando me disse que deixava com você o meu juízo?”, ela pergunta com voz esperançosa. “Lembra quando segui o professor de capoeira entrando em seu quarto? E você me disse que estava atrás de um capo sem eira nem beira?” agora ela me diz tudo isso de um modo muito diferente. Ela existe, ganha corpo e palavras.

Mas então, de repente, como alguém que começa a correr na subida íngreme de uma montanha, ela dispara: “Tenho vergonha de contar, mas não consigo chegar no horário do trabalho. Perco a hora de dormir e a hora de acordar... Estou tomando os remédios. O mesmo acontece com a comida, de repente como muito, engordo, boicoto o regime. Não consigo guardar dinheiro!” E assim por diante.

Embascada por aquele seu discurso – agora perfeitamente inteligível – sinto-me correndo, arfando, tentando ir atrás para reconectar-me a alguma coisa que já perdi... A atmosfera da sala é fechada, carregada, desespero... As palavras correm rápidas, sem deixar brechas, sem fazer uma pausa, sem hesitação.

Tento não perder o foco e me sinto como Alice correndo atrás do apressado coelho. Tanta pressa, para quê?

No ápice daquilo que me parece um discurso sem fim inicia a repetir as palavras “não é possível”, como se cada sílaba fosse algo a ser degustado sonoramente. Soam como trovoadas: “não!” “é!” “pos!” “sí!” “vel!”. Partículas de palavras explodem pela sala, lançadas para fora cheias de desprezo, de ódio e de indignação – por si mesma, por mim, pela situação?

Aproveito a primeira pausa para comentar: “acho que o teu juízo não está comigo, não! Parece que é um personagem que corre solto pela sala, inalcançável, despeitado e arrogante. Uma espécie de Hitler. Muito intolerante. Nada é suportável. Como podemos sobreviver a isto?!”

“Hitler?!” ela fala rindo. “Parece difícil. É que é sempre assim. Venho aqui, quero falar, me organizar, mas aí perco tudo...” E nesse ponto sinto que está mesmo dentro de um desespero, sem nenhuma referência.

Permanecemos em silêncio. Parece chorar um pouco. Estamos ali, juntas num clima triste, mas ao menos, penso, parece real. Ela faz alguns comentários sobre perder as coisas em que investiu.

Enquanto ela fala, acontece algo comigo. Ouço, dentro de mim, uma música que não ouvia há muito tempo, anos. Será que ela conhece? Não me lembro o nome, então só me resta cantá-la. Arrisco? Canto para ela dizendo que algo me ocorreu. Como uma inspiração?

“É... de manhã vem o sol, mas os pingos da chuva que ontem caiu, ainda estão a brilhar. Ainda estão a dançar... Ao vento alegre que me traz esta canção...”

Ela emocionada: “esta era a canção que meu pai cantava para mim!”

III. Em busca de Aná//lise

A escrita em psicanálise não deixa de ser busca de narrativa, autobiografia. Psicanalistas, como “escritores criativos, poetas” (Freud, 1908/1996c) partem de suas próprias questões, do modo pessoal de fazer suas perguntas e de buscar respostas para desenrolar sua escritura, método e estilo, epistemologia. Entretanto, escrevo este parágrafo a partir de um momento *a posteriori*, teço a trama onde é possível Conhecer.

Escrevendo a partir de um momento do presente da sessão, se for possível a imersão na experiência emocional e focar no desconhecido, sustentaria o que já escrevi:

O analista, assim como o poeta, busca a cada momento um modo de abrigar a dúvida: quem sou eu? Entretanto, como diríamos, o poema não é para ser entendido. Em psicanálise ele é para ser escrito, surgido. Surge/Uрге como forma estética de verdade transitória por evocar uma *Evidência*, um estado de consciência, mais próximo de Si mesmo. Algo não amarrado ou apoiado apenas no conteúdo das palavras, mas na *forma* da palavra, ou como definiu Christofer Bollas (2013), o *Self* no poema. (Scappaticci, 2015)

Retornando ao caso clínico, no começo de nossos encontros, Ana enviou uma mensagem a seu namorado na qual apresentava (-se?!) numa tela azul que ia gradualmente desaparecendo com os dizeres: “este azul que vês aqui sou Eu, mas des-existindo”. Tentando acolher o grande impacto provocado por essa comunicação em nós duas e após longas sessões de des-existência/existência lembrei-me da atmosfera de Marte. Um artigo que tinha lido havia muito tempo a respeito de cientistas em busca de vida naquele planeta. Uma paisagem árida, escavações, crateras, terrenos, vazio, areia, deserto. Com surpresa soube que a pressão atmosférica faz a água passar diretamente do estado sólido para o gasoso. Nenhuma transição, nenhuma cesura. E, como foi difícil aquele início, parecia que Ana estava cômoda naquele “estado” tão penoso. Não se movia. Nem líquido, nem gasoso. Solidez? Estado? Mente?

Depois de muito tempo, esta sessão. Nela, estamos num território entre o mental e o não mental. Não estamos no reino da representação onde o discurso articulado propicia significados divisíveis. A personalidade surge como um aglomerado de elementos beta, nuvem de incerteza, num determinado momento aparece Hitler, objeto interno persecutório com a qualidade de um Super Ego primitivo, cuja rigidez indica onde o seio deveria estar, sem tolerância, segundo Ana, “algo muito difícil”.

A vivência de Desamparo lembra as cenas de guerra relatadas por Bion em suas Autobiografias, o interesse recai sobre a investigação do paradoxo: “como os mesmos ossos mortos deram vida à mente?” (Bion, 1977/1987a). A

narrativa autobiográfica (pré-concepção psicanalítica) é a expressão, relato, de contínuo esforço e de busca por si mesmo, diante da premência da sensação contemporânea de fragmentação e de continuação do ser psíquico/somático.

Nessa sessão assistimos a um contínuo “pulsar” entre integração e não integração, a manutenção violenta de uma parte exclusivamente onipotente e/ou indefesa da personalidade, estamos imersos no Desamparo. Foi necessário buscar uma brecha, um contato pela prosódia, pela semiótica, algo rítmico: “pa-ta-vi-na”. Civitarese compara as intervenções da analista à “primeira fase na qual a mãe tenta transmitir o inconsciente antes do significado”. A estrutura musical é o próprio “significado”, o continente, criando uma nova linguagem, afinal, não podemos esquecer que a palavra em seu início é mais signo do que símbolo.

Ana “gruda” com seus olhos ou teme que, se escolhe uma frase, perde todas as outras. As vivências de desespero, incerteza e desamparo solicitam que a analista se coloque diretamente em cena, e assim passe a protagonizar a experiência. O impasse propõe uma situação de Encruzilhada Edípica para a personalidade dos envolvidos, para a própria analista. A abordagem clássica, do modo que geralmente é entendida, não está disponível: não estamos num nível simbólico de representação. Uma abordagem estética é necessária. Imersos no espesso nevoeiro, a entrada no campo do desconhecido é inegável.

Devo insistir, aqui, sobre a importância do silêncio nas palavras, isto é, sobre a importância de um modo de participação na relação analítica em que o recurso técnico à tipologia das interpretações débeis, diluídas, não representa uma mera opção técnica, mas é sentido, antes, como um saber manter-se em sintonia com uma ética do tratamento e uma estética da indefinição. (Civitarese, 2007, p. 3)

*Como transformar turbulências emocionais em pensamento? Ou ainda, como transformar temporal em tempo-oral? É possível falar do silêncio com base em algo que surge dentro das palavras? Observamos a natureza do encontro com base nas perguntas que a analista se faz. Esse é o vértice possível. A questão é que estamos lidando com algo difícil de pôr em palavras, publicar. Podemos pensar o paradigma metodológico da psicanálise centrado na ideia de *Cesura*, conforme demonstram nossos Autores e nossa Experiência. Como transitar entre as dimensões de conhecer e de ser? O método do analista para abordar a realidade é deixar-se abordar pela verdade, ser sonhado pelo sonho, pelo mistério. A experiência emocional é central. Isso é possível, como escreveu Odilon de Melo Franco quando o interesse não permanece no conteúdo manifesto ou latente das palavras, algo a ser revelado, mas em “algo mais do que relatar fatos e obter interpretações” (Filho, 2004, p. 2).*

Gostaria de “concluir” com uma reflexão sobre a especificidade do ofício do analista. Investigando o desconhecido estamos interessados em algo que normalmente não nos ocupamos. Procuramos por *evidências*, o que não deixa de ser

também por nós mesmos, pois estas só se verificam com base em nossa própria observação e participação na experiência. Procuramos comunicá-las ao analisando e aos nossos pares. Ocupamo-nos da palavra, “de trazê-la de volta a uma espécie de estado auroral, não distante da magia do dizer poético; de instituir as próprias metáforas e os próprios dialetos” (Civitarese, 2007, p. 71). Procuramos um estado nascente...

Mas, ainda, a indagação que não cessa: afinal, qual é o método do psicanalista? Para mim é a disciplina de trilhar o caminho do conhecimento sem perder de vista o desconhecimento, mantendo, assim, uma *atitude ética* diante do sentido inapreensível de nossa existência. Ou, ainda, conforme escreveu Galileu Galilei ao Padre Benedetto Castelli:

as duas verdades, de fé e de ciência, não podem nunca se contradizer, procedendo igualmente do Verbo divino a Escritura santa e a natureza, a primeira ditada pelo Espírito Santo, a segunda como fiel executora das ordens de Deus.

De nubes y relojes: una reflexión personal sobre el método psicoanalítico

Resumen: Este trabajo es una reflexión sobre el método del psicoanalista. La autora destaca la disciplina de la senda del conocimiento sin perder de vista lo desconocido, manteniendo así una actitud ética hacia el significado de nuestra existencia, difícil de alcanzar. El modelo de Popper es utilizado como una analogía para ilustrar el método del analista fundada en la interacción dinámica entre los dos niveles: (i) acceso por el conocimiento, la representación, y (ii) acceso por la expresión, por la vivencia de la experiencia emocional, Siendo.

Palabras clave: método, representación del conocimiento, expresión, experiencia emocional

On clouds and clocks: A personal reflection on the psychoanalytic method

Abstract: This paper is a reflection on the psychoanalyst's method. The author emphasizes the discipline to tread the path of knowledge without losing sight of the unknown. It enables us to maintain an ethical attitude when facing the inapprehensible sense of our existence. Popper's model is presented as an analogy to illustrate the psychoanalyst's method, which is based on the dynamic interaction between two levels: (i) access through knowledge, representation, and (ii) access through expression, as one undergoes the emotional experience, Being. Key words: method, knowledge, representation, expression, emotional experience

Des nuages e des horloges: une réflexion personnel concernant la méthode psychanalytique

Résumé: Ce travail est une réflexion concernant la méthode du psychanalyste. L'auteur met en relief la discipline de suivre le chemin des connaissances, sans perdre de vue l'inconnu, en conservant ainsi une attitude éthique en face du sens insaisissable de notre existence. Le modèle de Popper est apporté comme une analogie pour illustrer la méthode du psychanalyste obéissant à l'interaction

dynamique entre ces deux niveaux: (i) l'accès par les connaissances, représentation e (ii) l'accès par l'expression, par les vécues de l'expérience émotionnelle, en Étant. Mots-clés: méthode, connaissances, représentation, expression, expérience émotionnelle

Referências

- Ara, A. B. (2006). *O ensino de estatística e a busca do equilíbrio entre os aspectos determinísticos e aleatórios da realidade*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, USP.
- Bion, W. R. (1973). *Transformazioni*. Il passaggio dall'apprendimento alla crescita. Roma: Armando. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (1985). *All my sins remembered: another part of a life. The other side of genius: family letters*. London: Karnac.
- Bion, W. R. (1987a). Emotional Turbulence, In *Borderline Personality Disorders*, New York: International University Press. Reprinted in *Clinical Seminars and Four Papers*. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1987b). Evidence. *Bulletin British Psycho-Analytical Society*, 8. Reprinted in *Clinical Seminars and Four Papers*. (Trabalho original publicado em 1976)
- Bion, W. R. (1987c). *February 1979*. Reprinted in *Clinical Seminars and Four Papers*. (Trabalho original publicado em 1979)
- Bion, W. R. (1987d). On a quotation from Freud. In W. R. Bion, *Clinical Seminars*. Brasília e São Paulo and four papers (pp. 234-238). Abingdo: Fleetwood. (Trabalho original publicado em 1976)
- Bion, W. R. (1989). *Two papers*. The Grid and Caesura. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2007). *Memoria del futuro: Il sogno, presentare il passato, L'alba dell'oblio*. Milão: Raffaello Cortina. (Trabalho original publicado em 1991, 1993)
- Bollas, C. (2013). *China on the Mind*. London and New York: Routledge.
- Civitarese, G. (2007). Bion e a demanda de ambiguidade. *Rev. Bras. Psican. da SPPA*, 14(1), 57-75.
- Civitarese, G. (2010). Cesura como o discurso do método de Bion. *Livro Anual de Psicanálise*, 24, 145-163.
- Civitarese, G. (2014). Evidenze di Bion e lo stile dela teoria. In G. Civitarese, *I sensi e l'inconscio*. Borla, 2014.
- Eigen, M. (1985). En torno al punto de partida de Bion: de la catástrofe a la fe. *Int. J. Psycho-Anal.*, 66, 321.
- Freud, S. (1996a). O caso de Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 111-222). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1996b). Construções em análise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 289-304). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1996c). Escritores criativos e devaneio. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 8, pp. 149-161). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1996d). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 41-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Freud, S. (1996e). Etiologia da histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 215-217). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)

- Freud, S. (1996f). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 273-288). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1996g). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 107-201). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1996h). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vols. 4 e 5, pp. 15-665). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Isaacs, S. (1952). The nature of phantasy. In J. Riviere (Ed.), *Developments in psycho-analysis*, 62-121. London: Hogarth.
- Isaacs S. (1991). The nature and function of phantasy. In P. King e R. Steiner (Eds.), *The Freud-Klein controversies 1941-1945* (pp. 264-321). London: Routledge. (Artigo original publicado em 1943)
- Klein, M. (1968). The importance of symbol-formation in the development of the ego. In M. Klein, *Contributions to psychoanalysis, 1921-1945* (pp. 236-250). London: Hogarth. (Artigo original publicado em 1930)
- Ogden, T. H. (2013). Lendo Susan Isaacs: para uma revisão radical da teoria do pensar. *Livro Anual de Psicanálise*, 27(1) 85-99.
- Popper K. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 2013.
- Scappaticci, A. L. S. (2014). A autobiografia de Wilfred Bion. *Taming*. Transitoriedade entre si mesmo e o grupo. *Jornal de Psicanálise*, 47(87), 129-142.
- Scappaticci, A. L. S. (2015). A autobiografia de Wilfred Bion. O segredo como fonte de si mesmo. *Ide*, 38(60), 175-185.
- Scappaticci, A. L. S. (2016). Sobre o *Desamparo e estados de não integração*. *Berggasse 19*, 6(2), 17-31.
- Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Shakespeare, W. (1600-1601). *Shakespeare Tragédias* (Cena 1). São Paulo: Melhoramentos
- Torres, N, Hinshewood, R. D. (2013). *Bion's Sources*. The shaping of his paradigms. London and New York: Routledge.
- Trachtenberg, R. (2013). Cesuras e des-cesuras: as fronteiras da (na) complexidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(2), 55-66.

Anne Lise Di Moisés Silveira Scappaticci
annelisescappaticci@yahoo.it

Recebido em: 21/3/2017

Aceito em: 30/3/2017